

**A LUTA É
PELA VIDA!**



escritos
anarquistas
sobre
capitalismo,
pandemia
e a luta
pela vida

março

2020

introdução.....	p.4
momentos de reflexão e cuidados (periódico gatx negrx).....	p.7
contra o coronavírus e o oportunismo do estado (crimethinc).....	p.8
o pior vírus... a autoridade (companheirxs no território dominado pelo estado francês).....	p.30
as epidemias na era do capitalismo (contra toda nocividad).....	p.34
epidemia? massacre do estado (federação anarquista de turim).....	p.39
um guia anarquista para sobreviver ao coronavírus - covid-19 (four thieves vinegar collective).....	p.51
sobrevivendo ao vírus: um guia anarquista. capitalismo em crise, totalitarismo crescente e estratégias de resistência (crimethinc).....	p.67

introdução

O material que segue foi escrito por anarquistas em diferentes partes do planeta. Este é um esforço inicial de difusão das análises feitas no calor da situação em que nos encontramos por conta do surgimento e propagação do novo coronavírus, causador da Covid-19. São escritos produzidos em meio ao ronco surdo de uma batalha que travamos pela vida de cada um e não, como Estado vem fazendo, em torno da ideia de vida como ativador de dispositivos de segurança.

Sabemos que os textos não dão conta das especificidades de cada território, mas nosso objetivo ao editá-los é promover as análises que vêm sendo feitas nas últimas semanas para estimular novas publicações, comentário e trocas e sob uma perspectiva anarquista. São notas, sugestões, referências para uma luta em curso que podem inspirar ou auxiliar na busca de saídas.

Ao contrário do que os Estados tentam nos fazer crer, não é por meio do *isolamento* que vamos conseguir nos cuidar e resistir ao que nos é colocado. E com isso não estamos negando a necessidade de reforçar cuidados temporários na relação entre os corpos para evitar o adoecimento e a transmissão do vírus, e sim que isso não significa assimilarmos a *quarentena*, a *atomização*, o silêncio, a interceptação das trocas entre nós. É hora de inventar na luta sem descuidar da

orientação ética que baliza nossas ações: a expansão da liberdade e da autogestão.

Tomar o isolamento como a principal maneira para combater a propagação do vírus explicita muito sobre qual situação enfrentamos e quais dispositivos securitários são ativados com os *estados de emergência*, de *urgência*, de *sítio* etc. Somado ao “(auto) cuidado” e a “prevenção”, os Estados tentam romper os laços solidários entre as pessoas, fomentando o medo para instaurar o pânico e o entendimento de que só é possível manter as vidas humanas por meio de uma solução única: uma individualização a ponto de ver em cada pessoa ao redor, um *outro*, um perigo, um potencial *transmissor* de uma pandemia.

A utopia governamental de controle total e irrestrito de nossas subjetividades ganha campo por meio de uma retórica de combate ao inimigo comum (i. e. de toda “espécie humana”) e que ao mesmo tempo pode estar habitando, de forma invisível, o corpo de cada indivíduo. Isso produz uma forma de regulação das mortes que é, a um só tempo, o mais genérica possível e extremamente individualizada. Assim atualiza-se e expande-se as funções assassinas do Estado, o seu racismo próprio. Tudo isso guiado pela precisão dos controles algorítmicos. A crise dá novos contornos aos controles biopolíticos e amplifica sua forma assassina, o racismo de Estado.

Desse modo, a responsabilidade passa a ser de cada um e de todos, o *dano* é pulverizado entre todas as pessoas e simultaneamente

socializado. Contudo, no capitalismo, o gozo, o prazer, os benefícios, a bonança, são privados. E quando emergem catástrofes naturais, vírus, quando o uso da terra pelo sistema capitalista se mostra insustentável, insuportável, aparece o discurso de “precisamos cuidar do futuro de todos”, é preciso “socializar a responsabilidade”.

Por isso, entendemos ser necessário a difusão dos textos a seguir, pois trazem relatos de experiências de apoio mútuo, solidariedade e informações sobre autocuidado para nos ajudar a pensar, a partir do contexto de cada localidade, em práticas possíveis para responder à urgência da situação na qual o planeta se encontra.

Abrços solidários, saúde e anarquia!

**anarquistas
no território dominado
pelo Estado brasileiro**

momentos de reflexão e cuidados

periódico gatx negrx

17 março 2020

Podemos afirmar que o sistema capitalista não foi criado para proteger e cuidar da população, mas para utilizar de nós e nos descartar segundo sua conveniência. Isso vemos refletido no que está passando com essa nova crise sanitária. De que serve ao “primeiro mundo” a tecnologia, a medicina moderna e a farmacologia que tanto pregam, se as políticas de saúde não podem realizar algo tão básico e fundamental como a prevenção da saúde? Será que não os importa? Será porque o intocável é o eterno Deus moderno: o indefinido crescimento e progresso econômico, a roda da produtividade imparável?

Estamos agora em momentos de reflexão e cuidados. Como os Estados nos cuidam? Realmente os necessitamos? São eles que necessitam de nossas costas para que o mundo não desabe? Onde e como pariremos resistências frente ao que está passando? A quais insurgências estamos dispostxs?

Que esta crise sanitária nos sirva para valorizar nossa saúde por todas as coisas e para compreender que não é mais que nossa força de trabalho, somada à delegação ao poder político, que sustenta este sistema.

contra o coronavírus e o oportunismo do estado

anarquistas no território dominado
pelo estado italiano relatam a
disseminação do vírus
e da quarentena.
crimethinc

De um lado, nossas vidas são ameaçadas por um novo vírus; do outro, nossa liberdade é ameaçada por nacionalistas e autoritários que pretendem usar essa oportunidade para estabelecer novos precedentes para a intervenção e controle do Estado. Se aceitarmos essa dicotomia — entre vida e liberdade — continuaremos pagando o preço ainda por muito tempo depois que essa pandemia em específico tiver passado. De fato, uma está ligada à outra, é dependente da outra. No relatório a seguir, nossos camaradas na Itália descrevem as condições prevalecentes lá, as

causas da crise crescente e como o governo italiano aproveitou a situação para consolidar o poder de uma forma que só irá agravar as futuras crises.

Nesse momento, a estratégia das autoridades não visa proteger as pessoas do vírus, mas controlar o ritmo em que ele se espalha para não sobrecarregar a infraestrutura estatal. **O gerenciamento de crises está na ordem do dia**, como em muitos outros aspectos de nossas vidas. Nossos governantes não pretendem preservar a vida de todas as pessoas — eles já descartaram a preocupação com as mais necessitadas muito antes da crise começar. Pelo contrário, eles estão determinados a preservar a estrutura atual da sociedade e sua sensação de legitimidade.

Neste contexto, devemos ser capazes de distinguir entre dois desastres diferentes: o desastre do próprio vírus e o desastre causado pelas formas pelas quais a ordem existente responde — e não responde — à pandemia. Será um erro grave nos lançarmos à mercê das estruturas de poder existentes, confiando cegamente que elas existem para nos salvar. Pelo contrário, quando governantes dizem “saúde”, se referem muito mais à **saúde da economia** do que à saúde de nossos corpos. Caso em questão: **a Reserva Federal dos EUA prometeu injetar US\$ 1,5 trilhão para estabilizar o mercado de ações** — US\$ 500 bilhões para os bancos

— mas a maioria dos cidadãos dos EUA ainda não pode fazer o teste de coronavírus.

Para ficar claro: embora Trump e outros nacionalistas em todo o mundo pretendam aproveitar essa oportunidade para impor novos controles a nossos movimentos, essa pandemia não é uma consequência da globalização. As pandemias sempre foram globais. A peste bubônica se espalhou pelo mundo centenas de anos atrás. Ao introduzir uma proibição de viajar vindo da Europa, enquanto continuam tentando preservar a saúde da economia dos Estados Unidos — em vez de direcionar recursos para a preservação da saúde dos seres humanos nos EUA — Trump está nos dando uma lição explícita sobre como o capitalismo é fundamentalmente perigoso para a nossa saúde.

Vírus não respeitam as fronteiras inventadas do Estado. Esse já está dentro dos EUA, onde o serviço de saúde é muito menos abrangente e uniformemente distribuído que na maior parte da Europa. Todo esse tempo, enquanto o vírus se espalhava, pessoas que trabalham no setor de serviços foram forçadas a continuar colocando a si mesmas em risco a fim de pagar suas contas. Para eliminar as pressões que coagem pessoas a tomar essas decisões difíceis, primeiro teríamos que acabar com o sistema que cria uma desigualdade tão drástica. Pobres, sem teto, e outras pessoas que vivem em condições insalubres ou sem acesso a um sistema de saúde decente são sempre as mais atingidas por qualquer crise - e

o impacto nelas coloca todo mundo em um risco maior, espalhando ainda mais o contágio, e com maior velocidade. Nem os mais ricos entre os ricos podem se isolar completamente de um vírus desse tipo, como demonstra a circulação do vírus nos escalões mais altos do Partido Republicano. Resumindo: a ordem vigente não é benéfica pra ninguém, nem para quem mais se beneficia dela.

Esse é o problema com o que Michel Foucault chamou de **biopoder**, onde as mesmas estruturas que sustentam nossas vidas também as restringem. Quando esses sistemas param de nos sustentar, nos vemos em uma armadilha, dependentes da mesma coisa que está nos ameaçando. Numa escala global, a mudança climática produzida industrialmente já tornou essa situação bem familiar. **Algumas pessoas até sugeriram** que, ao reduzir a poluição e acidentes em locais de trabalho, a desaceleração industrial que o vírus causou na China está salvando vidas, ao mesmo tempo que as está tirando.

A resposta de progressistas e esquerdistas é criticar as falhas do governo Trump, efetivamente pedindo mais intervenção governamental e controle centralizado — o qual Trump, ou seus sucessores, com certeza irão exercer em benefício próprio, não apenas como resposta a pandemias, mas também como resposta a qualquer coisa que percebam como ameaça.

Fundamentalmente, o problema é que não temos um discurso sobre saúde que não parta da premissa do controle centralizado.

Ao longo do espectro político, toda metáfora que temos para segurança e saúde é baseada mais na exclusão da diferença (por exemplo: *fronteiras, segregação, isolamento, proteção*) do que na busca por desenvolver uma relação positiva com a diferença (por exemplo: ampliar os recursos do sistema de saúde para todas, incluindo aquelas fora das fronteiras dos EUA).

Precisamos de uma forma de conceber o bem-estar que compreenda a saúde física, os laços sociais, a dignidade humana e a liberdade como estando todas conectadas. Precisamos de uma forma de responder a crises baseada em apoio mútuo - que não conceda mais poder e legitimidade para tiranos.

Ao invés de colocar fé cega no Estado, precisamos focar no que podemos fazer com nossa própria agência, olhando para os precedentes anteriores para nos orientar. Não vamos deixar ninguém atacar a forma de organização anarquista como não sendo “disciplinada” ou “coordenada” o suficiente para tratar de um assunto como este. Já vimos diversas vezes que as estruturas capitalistas e estatais são, na melhor das hipóteses, “disciplinadas” e “coordenadas” exatamente de formas que impõem crises desnecessárias sobre nós — pobreza, mudanças climáticas, o complexo industrial prisional. Anarquismo, como o vemos, não é um projeto hipotético para um mundo alternativo, mas a necessidade imediata de agir fora e contra os ditames do lucro e da autoridade de forma a reagir às suas consequências. Enquanto os

modelos atuais de se “gerenciar a pandemia” que os Estados estão pondo em prática são baseados no controle vertical que sempre falha em proteger as pessoas mais vulneráveis, uma abordagem anarquista se focaria principalmente em direcionar os recursos, como cuidados médicos, para todas as pessoas que precisam deles, ao mesmo tempo em que empodera indivíduos e comunidades a serem capazes de limitar a quantidade de risco a que escolhem se expor sem enormes consequências negativas.

Existem precedentes para isso. Lembramos de Malatesta voltando a Nápoles em 1884, apesar de uma condenação a três anos de prisão pendendo sobre ele, para tratar de uma epidemia de cólera em sua cidade natal. Com certeza nossos antepassados teorizaram sobre isso e realizaram ações com as quais poderíamos aprender hoje. Apenas alguns anos atrás, algumas anarquistas encararam o desafio **de analisar** como responder a um surto de ebola de uma **perspectiva anarquista**. Pedimos que vocês pensem, escrevam e conversem sobre como criar um discurso sobre saúde que se distinga do controle estatal — e que tipos de ações podemos realizar juntas para ajudarmos umas às outras a sobreviver a esta situação de forma que preserve nossa autonomia.

Enquanto isso, apresentamos este relato de nossas camaradas do norte da Itália, que estão lidando com esta crise por algumas semanas a mais que nós.

diário da pandemia, milão: amor nos tempos de corona

1918-1920: Já abalado pela Primeira Guerra Mundial, o mundo encarou um inimigo ainda mais traiçoeiro: a Gripe Espanhola, uma pandemia catastrófica que infectou 500 milhões de pessoas, matando 50 milhões de pessoas ou mais — o dobro do número de mortes da Guerra.

2020: COVID-19, uma nova pandemia, está se espalhando pelo mundo. No momento em que escrevemos este texto, de acordo com a Organização Mundial da Saúde, mais de 125 mil casos foram confirmados, com mais de 4.600 mortes. Na Itália, existem 12.000 infecções, com pelo menos 827 mortes.

Aqui focaremos na Itália, formulando algumas questões sobre como enfrentar o COVID-19. O primeiro passo é recusar tomar a narrativa da mídia corporativa como certa e — acima de tudo — não ceder às prescrições e imposições vindas de cima, todas elas cada vez mais e mais opressivas.

Começamos com os fatos mais óbvios. Essa eclosão enfatiza a necessidade da solidariedade e cooperação internacional para que as pessoas juntem forças para lidar com as dificuldades e atinjam objetivos comuns. Mas no sistema atual — no qual todas as nações se beneficiam das tragédias de outras e toda “crise” prepara o caminho para obter lucros — isso não é possível.

De qualquer forma que abordemos a questão, chegamos na mesma conclusão: capitalismo e imperialismo apontam a necessidade de uma mudança radical no estado atual das coisas.

Mas vamos dar um passo atrás e nos concentrar na Lombardia, voltando ao dia em que o governo italiano assinou o primeiro decreto tentando controlar a disseminação da infecção.

lombardia

16 de fevereiro

Nesse dia, o governo italiano assinou o primeiro decreto tentando controlar a disseminação da infecção.

Milão, 19:00h. A preocupação que todas as escolas e espaços de encontro iriam fechar se espalhou rapidamente, junto com o pânico entre as pessoas, criando momentos pseudo-apocalípticos. Supermercados foram invadidos como se estivéssemos à beira da guerra, com pessoas comprando grandes quantidades de máscaras respiratórias e higienizadores para as mãos (máscaras finas de papel se tornaram um totem representando segurança), escutamos gritos, vemos pessoas chorando aos prantos, experienciamos pânico em massa.

Seguindo os rumores quanto às restrições, Milão, a grande Milão, a cidade que nunca para, foi paralisada com medo. Mas demorou apenas poucas horas para retornar à sua vivacidade. De fato, na manhã seguinte do anúncio, o que causava alvoroço por

toda a cidade não era medo do vírus, mas medo de não poder ser capaz de viver a “Milano da bere”. Bares e pubs foram fechados das 18h às 6h — claramente, o vírus bate ponto pra trabalhar de noite como proletários no turno da madrugada. Restaurantes não foram fechados — aparentemente, você fica doente se beber, por outro lado, se você comer, o vírus respeita você. Ao mesmo tempo, vimos o fechamento de escolas, universidades e outros espaços de encontro.

final de fevereiro

Uma semana passa e Milão, essa aspirante provinciana a Nova Iorque, ainda não para. Da mesma maneira, o vírus avança, causando mais pânico. Existem mais infecções, mais mortes — mesmo se, garantidamente, as vítimas incluem muitas pessoas idosas sofrendo de doenças cardiovasculares existentes. Mais uma vez, tudo é interrompido — escolas, cinemas, teatros, beijar e abraçar — mas não os bares, restaurantes, shoppings, ou o transporte público. Enquanto isso, Beppe Sala, o prefeito da cidade, tenta dar força aos pobres milaneses afetados por esse terrível vírus que ataca de noite e somente se você encontrar alguém para beber. Utilizando suas amadas redes sociais, ele posta um vídeo com a hashtag #MilanoNonSiFerma (Milão Não Para).

Tecnicamente, o vídeo é impecável — fotos com cores vivas, músicas cativantes —, mas é tão falso quanto uma nota de três dólares. Sem dúvida, foi promovido pela Unione dei Brand della Ristorazione Italiana (União das Marcas Italianas de Restauração). Milão não para. Mas neste vídeo, não vemos realmente Milão, a verdadeira Milão — a Milão que eu amo, não porque é o centro da *movida*, mas porque é atravessada por arrepios revolucionários, mesmo que eles tentassem derrubá-la através do fascismo e da xenofobia, mesmo que tenha adormecido politicamente nos últimos vinte anos. O vídeo apresentado por Sala parece sair da década de 1980, quando foi veiculado o anúncio de um licor muito popular: Amaro Ramazzoti, o licor do “Milano da bere”.

A verdadeira Milão não está representada nessas imagens. A verdadeira Milão é aquela expressa de maneira grosseira, mas sincera, pelo coletivo Zam em um vídeo que reproduz o de um prefeito que — em poucos dias — retira a afirmação que ele mesmo fez, recorrendo a uma narrativa falsa na mídia; uma narrativa falsa em que a retórica de classe xenofóbica é constante e continuamente difundida, fazendo que a cidade viva da exploração da classe trabalhadora precarizada e de imigrantes que todos os dias precisam lutar contra o racismo, o patriarcado, a gentrificação, os subúrbios negligenciados e o capitalismo.

O vírus não é o coração da emergência. A verdadeira emergência, paciente zero desta cidade “cosmopolita”, é a

precariedade econômica que causa desespero aos trabalhadores e trabalhadoras forçados a lutar contra o aumento do custo de vida e exploração que, nas últimas semanas, ocorreu no novo modelo de “trabalho inteligente” (“smart working”), nunca usado antes na Itália e que, certamente, se tornará a tendência do próximo ano de escravizar ainda mais através de subcontratos e terceirização. Muitos empregadores nas zonas vermelhas do norte da Itália estão forçando seus funcionários a tirar licenças médicas ou administrativas sem levar em conta que isso desestabilizará ainda mais um sistema estatal já precário e, acima de tudo, atingirá todos os trabalhadores precários que precisam lutar todos os dias para colocar comida na mesa, que passam sufoco aceitando empregos mal remunerados, que sofrem terríveis cargas horárias em locais de trabalho sem nenhum tipo de medida de segurança. Só para se ter uma ideia, de 1 de janeiro a 6 de fevereiro deste ano, ocorreram **46 mortes no local de trabalho**.

e analisamos os dois vídeos, notamos que, não por acaso, a mídia continua focando a responsabilidade por tudo o que acontece no indivíduo, desde o trabalho ao deslocamento de pessoas e à movimentação de mercadorias.

Resumindo, houve três etapas que podemos definir da seguinte forma. A primeira etapa, agora impossível de manter, é ocultar o problema. A segunda etapa é o chamado “terrorismo da mídia” que ainda está em andamento, variando e oscilando entre o

pânico em massa e a calma ilusória. Na terceira etapa, a atual, mudanças dramáticas são impostas na sociedade, sob a cobertura de uma combinação de pânico e consenso social. Enquanto isso, decretos são introduzidos de maneira a impactar consideravelmente nosso futuro, negando-nos o direito de protestar, entrar em greve e nos reunir em nossos próprios termos.

O que acontecerá agora que o decreto assinado pelo Primeiro Ministro Giuseppe Conte foi publicado no Diário Oficial? Restrições e medidas adicionais para conter o vírus na Lombardia serão prorrogadas até o dia 3 de abril. Precisaremos de autorizações especiais para sair e entrar em uma região e para circular dentro dela; pede-se às pessoas que se autoisolem; todas as escolas e universidades estão fechadas — todas sabemos que estudar não é importante, então por que não aproveitar a oportunidade para arrastar pais e alunos, já exaustos de anos e anos de cortes orçamentários, para o meio da confusão? Bares e restaurantes podem ficar abertos das 18h às 6h da manhã, contanto que clientes mantenham uma distância de pelo menos um metro entre si, teatros, academias, estações de esqui e boates foram fechadas, mas todos os principais eventos esportivos ainda podem acontecer a portas fechadas (é a Itália — onde não se pode viver sem futebol); todos encontros públicos estão proibidos; nenhum casamento ou

funeral; shopping centers de grande e médio porte foram fechados, mas só nos finais de semana e feriados.

Resumindo, o medo do contágio está difundindo o pânico generalizados, em nome de uma suposta segurança, essas novas restrições limitam perigosamente a liberdade, justificando o estado de emergência indiferente dos impactos que trará aos pequenos comércios e empresas familiares. Mas o verdadeiro perigo, aquele com o qual deveríamos nos preocupar, não é tanto o risco de contágio, mas aquele ligado à ignorância de um governo que vazou o rascunho de um decreto que, como ressaltou o virologista Roberto Burioni, “apavora as pessoas”. Basicamente, essas medidas drásticas proíbem as pessoas de trabalhar e impõem o “trabalho inteligente” a um número maior de pessoas trabalhadoras, limitam a velocidade de movimento em algumas áreas, pressionam as pessoas a ficar em casa e proíbem todos “encontros” públicos (internos ou externos). Todo direito é cada vez mais restrito ou negado. Tudo isso, em meio ao conseqüente pânico em massa e isolamento social de milhões de pessoas.

E agora, dois dos maiores problemas “sociais” despontam no horizonte. O primeiro, a esfera na qual todos nós italianos somos indiscutivelmente soberanos, é a abundância de “experts”, resultando na saturação de informações, como resultado de todo mundo ser “o maior expert”, frequentemente ignorando assuntos como o quão rapidamente o vírus se espalha. Este é claramente o

resultado que a mídia e as autoridades querem alcançar. A segunda questão é a consequência de vários especialistas — médicos, virologistas, biólogos — enfurecidos na televisão, no rádio, nos jornais e, principalmente, na internet. Essas pessoas são apresentadas, de má ou de boa-fé, como capazes de fornecer algum tipo de resolução, na medida em que são especialistas “neutros” — como se a ciência fosse neutra e os especialistas que a analisam, inclusive os médicos, não tivessem preconceitos pessoais. Mas isso é política, de qualquer forma! Se não mantivermos esse aspecto em mente, chegaremos a conclusões errôneas, mesmo se fizermos o melhor possível.

O que o italiano médio faz para lutar contra esses controles e restrições à sua liberdade? Ele não percebe que já está limitado por uma ampla gama de restrições impostas pelo controle — através da mídia, câmeras de vigilância e similares — e é obrigado a se apressar constantemente para acompanhar os mais ricos, mesmo com o custo de contrair empréstimos e passar fome apenas para comprar um iPhone, pagar taxas de juros por meses apenas para se sentir “digno”, babando após influenciadores digitais que se recusam a tomar uma posição na hora de abrigar “desamparados”, mas que estão sempre prontos para postar uma selfie usando o modelo mais recente de sapatos. Ele age como Pulcinella, em pânico porque não pode voltar para o sul; ele corre para **embarcar em trens e ônibus**; ele não se importaria se esse comportamento

pudesse espalhar o vírus para Apúlia, Calábria, Sicília — todas as regiões que ainda eram consideradas “seguras” até 8 de março — junto com a quarentena em vigor no norte da Itália. Hoje à noite [9 de março], centenas de pessoas invadiram estações de trem e ônibus tentando escapar da zona vermelha, obrigando a polícia ferroviária (POLFER) a intervir para manter as pessoas calmas. Incapaz de entender como isso era possível, Giuseppe Conte diz: “A publicação de um rascunho criou incerteza, insegurança, confusão, não podemos aceitá-lo”.

Então, por que não dar poderes especiais à polícia, permiti-los parar as pessoas e exigir saber de onde estão indo, enquanto os bares e restaurantes ainda permanecem abertos? Uma causa leva a um efeito; nesse caso, levará, obviamente, à intensificação da raiva reprimida e do racismo. E quem sabe — mais cedo ou mais tarde, não seria uma surpresa ler que alguém começou a atirar em chineses, marroquinos ou romenos, ou em qualquer outra pessoa, com o pretexto de tentar vingar a morte por COVID-19 de seu primo ou vizinho ou conhecido. Já houve ataques a alguns europeus do leste que vivem na Itália.

O italiano médio não pensa nos outros; ele apenas se concentra em se sentir bem, porque o que realmente conta é a busca de sua própria satisfação. Quem se importa se o mundo ao seu redor desmorona? O fruto não cai longe da árvore; um excelente exemplo de porque o italiano médio não dava a mínima é

personificado pelo ex-ministro do Interior Matteo Salvini, o populista de direita e político anti-imigrante que lidera o partido Lega. Parece que foi ontem, mas quase um mês se passou desde que ele estava rosnando, como sempre, que o **governo não bloqueou barcos carregados de imigrantes**, se perguntando se o governo havia subestimado o coronavírus ao “permitir que os migrantes desembarcassem”. Ninguém se importa que ele queira fechar as fronteiras italianas, deixando as fronteiras abertas apenas para o Reino Unido. Poucos dias antes da assinatura do decreto, ele pôde ir a Londres, desafiando todo o senso comum, espalhando seus pensamentos nacionalistas e racistas por toda a Europa — a praga que precede o coronavírus.

Agora devemos nos fazer outras perguntas que podem ser difíceis de responder. A primeira é como devemos reagir ao que está acontecendo, levando em conta todas as dificuldades objetivas conectadas às proibições (por exemplo, punições a quem violá-las incluindo até três meses de prisão ou multas de mais de mil reais), o “bombardeamento midiático” ininterrupto, o sentimento constante de incerteza.

Por um lado, vemos uma superênfase na responsabilidade individual, especialmente para quem está doente com o coronavírus, por outro, o Estado está usando a desculpa de uma emergência para impor novas regras. Eles não falam sobre os cortes em hospitais públicos (45 mil nos últimos dez anos), sobre a

situação das trabalhadoras nas linhas de frente (especialmente médicas, enfermeiras e outras), sobre os efeitos negativos no setor da saúde — como a interrupção dos exames médicos agendados regularmente, inclusive diálise e o tratamento de pessoas diabéticas e outras com condições médicas sérias, que tiveram seus direitos mais básicos negados pelo desvio de recursos econômicos para esta “emergência” sem jamais levar isso em conta. Contradizendo a si mesmos, os políticos italianos — os mesmos que atacaram a saúde pública e quem trabalha nela — estão louvando o sistema público de saúde, sem jamais mencionar a privatização em busca de lucro.

Então, o que vai acontecer agora? Quais serão as consequências históricas dessas “emergências”? Nos últimos anos, pudemos ver claramente que um conjunto de medidas repressivas foram criadas na Itália e que não desapareceram mesmo quando cada “emergência” terminou, seja qual tipo de emergência for.

Neste país, a criação e exploração da emergência tem criado sérios problemas para nós. Sob o pretexto da guerra contra a Máfia e o chamado “terrorismo”, as autoridades passaram “leis especiais” como a que estabelece a pena máxima de 30 anos (porque, mesmo na hipocrisia formal burguesa, a punição deve ser “reeducativa” e ter como objetivo a reintegração social); mas em 1992, foi introduzida a prisão perpétua sem condicional. Este talvez

seja o exemplo mais óbvio das tendências autoritárias cada vez mais agressivas da democracia burguesa. Para ampliar a nossa análise, devemos estudar como, ao longo das últimas décadas, tem sido possível criminalizar e reprimir as pessoas pobres, as que lutam, e todas que se opõem ao status quo de alguma forma. Isso levou a punições pesadas, com exceções somente quando somos capazes de repelir os ataques do Estado.

Por exemplo, terremotos serviram como oportunidade para introduzir leis antissociais sob o pretexto de combater os “saques”. O terremoto em L’Aquila ilustra isso — mesmo se, naquele caso, eles tiveram que encarar uma resistência popular muito combativa.

Da mesma forma, as “leis especiais anti-hooligans” que, desde 2006, começaram a tratar da parte “menos apresentável” do movimento (do ponto de vista da polícia), a organização de jovens dos subúrbios mais pobres, frequentemente inclinados a lutar contra a polícia e quebrar as leis que ela impõe. Essas leis supostamente deveriam mirar nos “perigosos hooligans” de torcidas organizadas, mas, nos anos seguintes à sua aprovação, têm sido usadas para reprimir greves, mobilizações e piquetes também. Podemos ver a consequências nas lutas políticas que são alvo de multas e do bem conhecido “daspo”, uma ordem proibindo o acesso a eventos esportivos que também tem sido imposta de maneira “preventiva” contra outros alvos sem jamais passar pelos

tribunais, com a pura arbitrariedade da polícia. As ações de muitas torcidas organizadas podem ser resumidas como uma forma de protesto contra o futebol moderno (ou sejam contra a privação da socialidade com o objetivo de maximizar o lucro) e como uma organização mobilizada que reconhece o perigo que as “leis especiais anti-hooligans” representam para todos os movimentos organizados. O slogan anti-repressão, “leis especiais: hoje para os hooligans, amanhã pra toda a cidade!”, também é relevante aqui. Primeiro estarão focados em nós, mas eventualmente estenderão seu controle sobre todo mundo.

Isso nos leva de volta ao decreto que passou quase em silêncio, o já mencionado “Decreto Conte” que apressadamente implementou uma lei reduzindo os direitos trabalhistas referentes ao “trabalho inteligente” (“smart work”) enquanto limitam a responsabilidade legal dos patrões. Mesmo de formas que não estão claramente conectadas à emergência do coronavírus, eles estão botando suas mãos nos direitos de milhões de pessoas por meio de tais “decretos”.

Mas essa forma de repressão também pode gerar revolta. Em resposta ao governo tirando vários direitos de pessoas nas prisões (incluindo visita e recreação), elas se **rebelaram**. Em 9 de Março, mais de 50 escaparam de um presídio durante as rebeliões, apesar de mais 6 terem sido mortas. Julgamentos penais estavam continuando mesmo durante a eclosão, apesar de prisioneiros

serem proibidos de comparecer, supostamente pelo medo de fossem contrair o vírus e espalhar para aqueles dentro no sistema prisional.

Apesar de todas ameaças e riscos, no primeiro dia de interrupção nacional, **algumas dezenas manifestantes se juntaram nas ruas vazias do centro de Roma** do lado de fora do Ministério da Justiça para levar as reivindicações das pessoas presas pelo país que estavam em rebelião.

11 de março

Novas medidas restritivas foram impostas sobre quem falsifica o auto-certificado para sair: você pode ser presa em flagrante delito e passar até 6 anos na cadeia. Além disso, aquelas que violam a quarentena podem ser acusadas de “homicídio culposo contra a saúde pública”, enquanto quem viola a quarentena exibindo os sintomas do COVID-19 como febre e tosse, causando a morte de pessoas idosas ou sujeitas a risco, podem ser acusadas de homicídio culposo com dolo eventual e encarceradas por até 21 anos. O mesmo se aplica para aquelas em contato com quem testou positivo para COVID-19 e mantém relações sociais ou trabalham com elas sem tomar as precauções necessárias ou informar as outras pessoas.

12 de março

Tudo, exceto shopping centers, farmácias e lojas de conveniência, estão fechados por duas semanas. Estamos em isolamento e a quarentena nos isola do mundo. Pode me chamar de catastrofista, mas o que me vem a mente é o destino do Príncipe Próspero se escondendo em sua abadia fortificada:

“E agora era reconhecida a presença da Morte Escarlata. Ela entrava como um ladrão na calada da noite. E, um a um, tombaram os festivos convivas nos salões orvalhados de sangue de sua festa, e morreram um a um na posição de desespero em que tombaram. E a vida do relógio de ébano se extinguiu junto com a do último folião. E as chamas dos tripés expiraram. E as Trevas e a Dissolução e a Morte Vermelha estenderam seus ilimitados domínios sobre eles todos”

— A Máscara da Morte Vermelha, Edgar Allan Poe.

Mas nós vamos sobreviver, apesar da quarentena imposta sobre nós.

13 de março

A Itália inteira, posta de joelhos, finalmente parece se afetar com um espírito de revolta. Não estamos falando sobre o *flashmob* cantante marcado para hoje às 18h — o chamado para ir

para às varandas e cantar e tocar música, pra deixar o mundo saber que “nós podemos fazer isso” e que tudo vai ficar bem. É algo pra além disso. “Greve irresponsável” dizem os patrões. Medidas de segurança estão faltando nos espaços de trabalho, dizem trabalhadores. “Nós não somos dispensáveis” — “Não somos bucha de canhão”. Esses são cantos vindo das fábricas italianas. De norte a sul, sindicatos e trabalhadores estão fazendo **uma demonstração de força e agitando as coisas** com greves espontâneas reivindicando medidas para garantir a saúde. Isso, pelo menos, é alguma coisa.

o pior vírus...

a autoridade

texto de cartaz escrito por companheirxs
no território dominado pelo estado francês
em março 2020

A taxa macabra de mortes aumenta dia a dia e na imaginação de cada pessoa tem lugar a sensação, a princípio vaga, mas cada vez mais forte, de estar mais e mais ameaçada pela imagem da morte. Para centenas de milhares de seres humanos, esse imaginário certamente não é nada novo, o de que a morte pode golpear qualquer um, em qualquer momento. É só pensar nxs condenadxs da terra, sacrificadxs diariamente nos altares do poder e do lucro: aquelxs que sobrevivem sob bombas dos Estados, em meio à intermináveis guerras pelo petróleo ou recursos minerais, aqueles que coexistem com a radiação invisível causada por acidentes ou resíduos nucleares, aqueles que cruzam o Sahel ou o Mediterrâneo e são presos em campos de concentração para migrantes, aqueles que são reduzidxs a pedaços de carne e ossos pela miséria e pela devastação causada pela indústria agrícola e a extração de matérias primas... E inclusive nos territórios que nós habitamos, em tempos não muito distantes, conhecemos o terror das matanças em escala industrial, dos bombardeios, dos campos de extermínio... sempre criados pela sede de poder e riqueza

de estados e chefes, sempre fielmente estabelecidos pelo exército e polícia. Mas não, hoje não estamos falando sobre esses rostos desesperados que constantemente tentamos manter distantes de nossos olhos e de nossas mentes, nem tampouco de uma história que agora já é passado. O terror está começando a se estender no berço das mercadorias e da paz social, e é causado por um vírus que pode atacar a qualquer um, ainda que, obviamente, nem todos terão as mesmas oportunidades para se curar. E em um mundo onde as pessoas estão acostumadas a mentir, onde o uso de cifras e estatísticas é um dos principais instrumentos de manipulação dos meios, em um mundo onde a verdade está constantemente oculta, mutilada e transformada pela imprensa, somente podemos tratar de juntar as peças, para formular hipóteses, tentar resistir a essa mobilização de mentes e fazer a pergunta: para onde vamos?

Na China, e logo na Itália, novas medidas repressivas foram impostas diariamente, até que alcançaram o limite que nenhum Estado havia se atrevido a cruzar ainda: a proibição de sair de casa e de se mover pelo país exceto por razões de trabalho ou absoluta necessidade. Nem se quer durante a guerra haveria tido consentimento da aceitação de medidas para a população que chegassem tão longe. Porém, esse novo totalitarismo tem o rosto da Ciência e da Medicina, da neutralidade e do interesse comum. As empresas farmacêuticas, as telecomunicações e as novas tecnologias encontrarão a solução. Na China, o uso de geolocalização

para denunciar qualquer movimento e qualquer caso de infecção, o reconhecimento facial e o comércio eletrônico estão ajudando o Estado a assegurar que cada pessoa cidadã está presa em sua própria casa. Hoje, os mesmos Estados que basearam sua existência no confinamento, na guerra e no massacre, incluindo de sua própria população, impõem sua “proteção” por meio de proibições, fronteiras e homens armados. Até quando durará esta situação? Duas semanas, um mês, um ano? Sabemos que o estado de emergência declarado após os ataques [realizados pelo Estado Islâmico em 2015, em Paris] foi estendido várias vezes, até que as medidas de emergência foram incorporadas definitivamente à legislação francesa. Ao que esta nova emergência nos conduzirá?

Um vírus é um fenômeno biológico, mas no contexto no qual se origina, sua propagação e sua gestão são questões sociais. Na Amazônia, na África ou na Oceania, populações inteiras foram exterminadas pelos vírus levados pela colonização, enquanto os colonizadores impuseram sua dominação e modo de vida. Nas selvas, exércitos, mercadores e missionários empurraram as pessoas – que antes ocupavam o território de forma dispersa – a se concentrar ao redor de escolas, em aldeias ou povoados. Isso facilitou enormemente a propagação de epidemias devastadoras. Hoje, a metade da população mundial vive nas cidades, ao redor dos templos do Capital, e se alimenta dos produtos da agricultura industrial e da pecuária extensiva. Qualquer possibilidade de autossuficiência tem sido

erradicada pelos Estados e pela economia de mercado. E enquanto a megamáquina da dominação continuar funcionando, a existência humana estará cada vez mais sujeita a desastres que não são muito “naturais”, e a uma gestão deles que nos privará de qualquer possibilidade de determinar por nós mesmxxs nossas vidas.

A menos... que um cenário cada vez mais obscuro e perturbador, nós, seres humanxs, decidamos viver como seres livres, inclusive se é somente durante umas poucas horas, dias ou anos antes do final, em lugar de nos prendermos em um mundo “natural” de medo e submissão. Como fizeram xs presxs de 30 prisões italianas, enfrentando a proibição de receber visitas imposta pelo Covid-19, rebelando-se contra seus carcereiros, demolindo e queimando suas celas e, em alguns casos, conseguindo fugir.

AGORA E SEMPRE LUTE PELA LIBERDADE!

as epidemias na era do capitalismo

contra toda nocividad

território dominado pelo Estado espanhol

17 março 2020

A exploração dos recursos naturais do planeta está levando a humanidade à beira da autodestruição. Vivemos em meio a epidemias causadas principalmente pela disseminação contínua de produtos químicos (pesticidas, inseticidas, desreguladores endócrinos etc.) e prejudiciais para nossa saúde, ao mesmo tempo em que vivemos cercados por uma atmosfera com altos níveis de poluição para desenvolver alergias e doenças em grande parte da população. Essa exploração dos recursos naturais também traz consigo a devastação do território pela tecno-indústria: o Mediterrâneo se transformou em um esgoto, o Sudeste Asiático em um deserto químico, a África em um grande depósito etc.

A aparição do vírus conhecido como Covid-19 é uma consequência da civilização industrial, para nós o importante não é se o vírus sofreu uma mutação de um morcego, possivelmente

devido à industrialização de seu habitat ou se é um ataque dos EUA à economia chinesa. Para nós, o importante é que é a consequência de um sistema que comercializa todo processo, objeto ou ser vivo existente na Terra; é a ganância de um sistema que busca a aniquilação de tudo o que é vivo para artificializar o mundo. Não poderíamos pensar que nosso modo de vida baseado no crescimento contínuo em um planeta realmente finito não traria essas consequências e outros desastres que estão por vir. Centenas de produtos químicos presentes em nossas vidas diárias modificam os processos naturais que dão origem a centenas de “catástrofes” (epidemias, mudanças climáticas etc.), os mesmos produtos que na China produzem um milhão e meio de mortes por ano e que não saem nos noticiários, que não produzem alarme social, nem confinamentos, nem estado de alerta. Na Espanha, 10.000 pessoas morrem por ano devido à poluição e não entram em pânico, fazem parte das vítimas necessárias para que o mundo industrial continue operando, o importante é que o progresso e sua ganância não parem.

Em princípio, o Covid-19 (embora ainda estejam investigando) é uma gripe com sintomas semelhantes aos da gripe comum e ambas afetam mais as pessoas com patologias anteriores e principalmente a população idosa, ambas as gripes diferem quanto a rápida disseminação e capacidade de contágio, que é o que deu o alarme sanitário. No momento da redação deste texto, quase 300 pessoas morreram na Espanha por causa do Covid-19, no entanto, a gripe

comum causou mais de 6.000 mortes na Espanha no ano passado e em 2018 chegou a 8.000. Diante disso, questionamos que essa situação excepcional se deve a alarmes sociais criados em grande parte pela mídia e pela opacidade das informações transmitidas por quem administra nossas vidas.

Como forma de acabar com a pandemia, o Estado decretou o “Estado de alerta” que implica proibições de movimento, confinamento, aumento de controle, suspensão de reuniões e da vida pública em geral, controle dos meios de transporte e quem sabe logo a distribuição de alimentos. Nesse processo, vemos como o Estado se torna um ecofascista, onde o governo será cada vez mais forçado a agir para administrar os recursos e o espaço cada vez mais “rarefeito”, dando origem ao fato de que a preservação dos recursos mais necessários só pode ser garantida pelo sacrifício de outra necessidade: a liberdade.

Na ausência de um inimigo interno ou externo, o Estado encontrou um inimigo para mostrar todo o seu potencial bélico e, ao mesmo tempo, acentuar a submissão da população através do medo e da repressão, enquanto permanece como a única possibilidade de salvação do terror produzido pela epidemia. Para nós, a solução não é um estado mais autoritário, é o desaparecimento de todas as formas de autoridade. A partir de agora, possivelmente os estados de alerta, de emergência... acontecerão como consequência da devastação ecológica e social do mundo, porque temos certeza de que as

catástrofes continuarão a ocorrer. Não estamos exagerando quando falamos em potencial bélico: já estamos vendo o exército se posicionando em lugares estratégicos, a polícia controlando mais as ruas e drones com câmeras monitorando os movimentos da população. As medidas do estado de alerta não apenas buscam acabar com a pandemia de gripe, mas também buscam espalhar outra pandemia: a da servidão voluntária da população, obedecendo às leis diante do perigo da pandemia, acabar com as críticas ao Estado e ao capitalismo diante do medo e dos possíveis riscos. Essa servidão voluntária seria impossível sem a submissão aos nossos dispositivos tecnológicos e ao modo de vida que eles criam. Diante de uma situação de pandemia ou de qualquer outro desastre, estamos sujeitos a tecnocratas, especialistas, experts, cientistas, etc., àqueles gerentes do espaço e do tempo que têm tudo planejado em seus cálculos racionais.

Da mesma forma, as consequências dessa epidemia, ou de qualquer outro desastre industrial, serão economicamente devastadoras, já estamos vendo a situação crítica de milhares de pessoas que serão forçadas ao desemprego ou a precariedade de seus empregos, como sempre o agravamento das condições de vida serão sofridas pelas camadas mais desfavorecidas da sociedade que já suportam o duro ataque da “crise capitalista” e seus cortes há anos. Pelo contrário, certamente trará grandes benefícios para as

classes mais altas, como os proprietários das grandes empresas farmacêuticas.

Diante da epidemia, o confinamento industrial em que vivemos cresce enormemente, nos trancam em nossas gaiolas de tijolos e concreto, de onde só podemos escapar virtualmente da realidade avassaladora através de nossos dispositivos tecnológicos. Os mesmos aparelhos que subjagam e perpetuam a alienação do modo de vida industrial. Aqueles dispositivos que nos desumanizam e moldam nossas percepções, nosso cérebro, nossos sentimentos etc. que redesenham a maneira como vemos a nós mesmos e ao mundo. Ligados ao mundo virtual, ficamos longe da realidade de um mundo hostil, de uma epidemia ou de uma catástrofe nuclear. Desde aqueles que administram nossas vidas não assumem a responsabilidade tentando nos tornar participantes das catástrofes do capitalismo industrial, curioso porque uma das características do pós-modernismo é a falta de responsabilidade nas ações de cada um, uma vez que participamos da máquina “alheios” a seus efeitos. Para nós, os únicos responsáveis são a organização técnica da vida e os que a administram.

epidemia? massacre do estado

federação anarquista de turim

15 março 2020

Dedicamos este texto à memória de Ennio Carbone, um anarquista, um médico que dedicou sua vida à investigação científica, tratando de tirá-la das mãos vorazes da indústria que financia apenas o que gera lucro. Ele, em tempos inesperados, nos falou sobre o risco de uma pandemia como a que estamos vivendo hoje. Nos falta a sua voz, sua experiência nestes dias difíceis.

Ⓐ

Os carros funerários estão alinhados em frente ao cemitério de Bérghamo. Essa imagem, mais que muitas outras, nos mostra a realidade em toda sua crueza. Nem se quer pode-se deixar uma flor. Nem se quer puderam acompanhá-los até o fim. Morreram sozinhos, lúcidos, se afogando lentamente.

Desde as janelas, em horários estabelecidos, as pessoas gritam, cantam, batem panelas e se reúnem em um espírito nacionalista

evocado pelos políticos e pelos meios de comunicação. “Tudo vai dar certo. Nós conseguiremos”.

O governo com decretos que seguiram um ritmo frenético suspendeu o debate, inclusive o débil confronto democrático, inclusive o rito esgotado da democracia representativa e alistou todos nós. Quem não obedece é um infector, um criminal, um louco.

Vamos entender. Cada um de nós é responsável de seus próprios atos. Nós anarquistas sabemos bem: para nós, a responsabilidade individual pelas próprias ações é o eixo de uma sociedade de livres e iguais.

Cuidar dos mais fracos, os velhos, aqueles que, mas que outros, arriscam suas vidas é um dever que sentimos com grande força. Sempre. Hoje mais que nunca.

Um dever igualmente forte é dizer a verdade, essa verdade, que estando presos nas casas frente à televisão, nunca se filtra. Porém, é, em sua maior parte, visível para todos.

Aqueles que buscam uma verdade oculta, uma obscura conspiração tramada por seu vilão favorito, fecham os olhos frente à realidade, porque aqueles que os abrem lutam para mudar a ordem do mundo injusto, violento, liberticida e assassino.

Cada dia, inclusive hoje, enquanto as pessoas adoecem e morrem, o governo italiano está desperdiçando 70 milhões de euros com gastos militares. Com os 70 milhões gastos em somente um dos 366 dias deste ano bissexto, se poderia construir e equipar seis novos

hospitais e ficaria algo para as máscaras, os laboratórios de análises e os materiais para fazer um exame completo. Um respirador custa 4 mil euros: portanto, se poderia comprar 17.500 respiradores por dia: muitos mais do que se necessita agora.

Nestes anos, todos os governos que se seguiram reduziram constantemente o gasto com a saúde, com a prevenção e a vida de todos nós. No ano passado, segundo as estatísticas, a expectativa de vida caiu pela primeira vez. Muitos não têm dinheiro para pagar remédios, consultas e serviços especializados, porque tem de pagar o aluguel, a comida e o transporte.

Fecharam os pequenos hospitais, reduziram o número de médicos e enfermeiros, cortaram os leitos, obrigaram os trabalhadores da saúde a trabalhar horas extras para compensar os numerosos buracos.

Hoje, com a epidemia, já não há mais filas e nem listas de espera de meses e anos para uma investigação de diagnóstico: cancelaram as consultas e os exames. Devemos fazê-los quando passe a epidemia. Quantas pessoas adoecerão e morrerão de tumores diagnosticáveis e curáveis, quantas pessoas verão piorar suas doenças, por que colocaram em quarentena o que resta da saúde pública? Enquanto isso, as clínicas privadas fazem alguns movimentos publicitários e multiplicam os negócios, pois os ricos nunca ficam sem tratamento.

É por isso que o governo nos quer nas varandas cantando “estamos prontos para a morte. Itália chamou” (hino nacional italiano).

Nos querem calados e obedientes como bons soldados, carne de canhão, sacrificáveis. Depois, quem ficar, será imune e mais forte. Até a próxima pandemia.

Por essa razão, de nossas varandas, nas paredes das cidades, nas filas de compras, dizemos em voz alta, apesar da máscara, que estamos frente a um massacre de Estado. Quantos mortes poderiam ser evitados se os governos dos últimos anos tivessem tomado decisões para proteger nossa saúde?

Não foi um erro, mas uma escolha criminosa. Ao longo dos anos, os pesquisadores de doenças infecciosas advertiram sobre o risco que estamos correndo, de que seria possível uma pandemia grave. Vozes deixadas no deserto.

A lógica da ganância não permite o afrouxamento. Quando tudo terminar, as indústrias farmacêuticas, que não investiram em prevenção, farão negócios. Ganharão dinheiro com os medicamentos descobertos por muitos pesquisadores que trabalharam para a comunidade e não para enriquecer os que já são ricos.

Nos acostumaram a acreditar que somos imunes às pragas que afligem os pobres, os que não têm meios para se defender, os que nem se quer têm acesso à água potável. A dengue, o ebola, a malária, a tuberculose eram doenças dos pobres, das populações “atrasadas” e “subdesenvolvidas”.

Logo, um dia, o vírus embarcou em classe executiva e chegou ao coração econômico da Itália. E nada tem sido como antes.

Ainda que não de imediato. Os meios de comunicação, os especialistas e o governo nos têm dito que a doença só mata os velhos, os doentes, aqueles que também tem outras patologias. Nada novo. É um fato normal: não é necessário um diploma em medicina para saber.

Então todo mundo pensou que no pior dos casos teriam uma gripe extra. Essa informação criminosa encheu as praças, *happy hours*, festas. Não é por isso que a responsabilidade individual falha, o que também passa pela capacidade de se informar e compreender, mas tira um pouco dessa aura de santidade que o governo está tratando de usar para sair ileso da crise. E quem sabe? Talvez inclusive mais forte.

Nos dizem que nosso lar é o único lugar seguro. Não é verdade. Os trabalhadores que têm de sair todos os dias para ir à fábrica, sem nenhuma proteção real, apesar dos pequenos consolos que a Confindustria (Confederação dos Industriais) oferece aos sindicatos estatais, voltam aos seus lares todos os dias. Ali vivem parentes velhos, crianças, pessoas doentes.

Somente uma pequena parte dos que saem para comprar ou respirar ar tem proteções: máscaras, luvas, desinfetantes não estão disponíveis nem se quer nos hospitais.

O governo afirma que a proteção não é necessária se está saudável: é uma mentira. O que nos dizem sobre a propagação do vírus nega isso explicitamente. A verdade é outra: dois meses depois do início da epidemia na Itália, o governo não comprou nem distribuiu as proteções necessárias para bloquear a propagação da enfermidade.

Custam demais. Na região Piemonte, os médicos gerais falam por telefone com pessoas que têm febre, tosse, dor de garganta, dizendo para que tomem antipiréticos e fiquem em casa durante cinco dias. Se pioram, devem ir ao hospital. Em nenhum deles se faz o teste. Os que vivem com esses doentes se encontram presos: não podem deixar sozinhos aqueles que sofrem e necessitam de ajuda, mas correm o risco de se infectar se a doença respiratória é efeito do coronavírus. Quantos se infectaram sem saber ou logo transmitiram a doença a outros, saindo sem proteção?

A prisão domiciliar não nos salvará da epidemia. Pode ajudar a atrasar a propagação do vírus, não a deter.

A epidemia se converte em uma oportunidade para impor condições de trabalho que permitem às empresas gastar menos e ganhar mais. Os decretos de Conte (atual primeiro-ministro italiano) preveem o trabalho remoto onde for possível. As empresas aproveitam isso para impor aos seus empregados. Você fica em casa e trabalha online. O trabalho remoto está regulado por uma lei de 2017 que estabelece que as empresas podem propô-lo, mas sem impor esse tipo de trabalho a nenhum dos empregados.

Portanto, deve estar sujeito a um acordo que firme aos trabalhadores as garantias sobre as horas de trabalho, as formas de controle, o direito a cobrir custos de conexão e a cobertura em caso de acidente. Hoje, depois do decreto emitido pelo governo de Conte para enfrentar a epidemia de Covid-19, as empresas podem obrigar a

realizar trabalho remoto sem acordos nem garantias para os trabalhadores, que além disso deve estar agradecidos pela possibilidade de ficar em casa. A epidemia, portanto, se converte em um pretexto para a imposição, sem resistência, de novas formas de exploração.

Para os trabalhadores formais é proporcionado o seguro-desemprego e fundos suplementares, para os trabalhadores temporários, as partidas IVA e para os trabalhadores autônomos não haverá cobertura, exceto algumas migalhas. Quem não trabalha não recebe.

Os que se atrevem a criticar, os que se atrevem a dizer verdades incomodas, são ameaçados, reprimidos, silenciados.

Nenhum meio de comunicação difundiu a queixa dos advogados da associação de enfermeiros, uma instituição que não tem nada de subversiva. Os enfermeiros e as enfermeiras se descrevem como heróis, sempre que adoecem e morrem em silêncio, sem contar o que ocorre aos hospitais. Os enfermeiros que contam a verdade são ameaçados de demissão. O acidente de trabalho não se reconhece para os que são infectados, porque o hospital não está obrigado a pagar indenizações a quem se encontra trabalhando todos os dias sem proteção ou com proteções completamente insuficientes.

A autonomia das mulheres está sendo atacada pela gestão governamental do surto de Covid-19.

O cuidado das crianças que ficam em casa porque as escolas estão fechadas, dos velhos em risco, dos doentes cai sobre os ombros das mulheres, que já estão fortemente atacadas pela insegurança do trabalho.

Enquanto isso, em silêncio, nas casas transformadas em domicílios forçados, os feminicídios se multiplicam.

No ruidoso silêncio da maioria, 15 presos morreram durante os distúrbios das prisões. Nada se falou sobre suas mortes, além dos documentos policiais. Alguns, que já estavam em estado grave, não foram levados ao hospital, mas foram carregados nas caminhonetes da polícia e levados a morrer nas prisões a centenas de quilômetros de distância. Um massacre, um massacre de Estado.

O resto foi levado a outros lugares. As prisões explodem, os presos não têm a garantia de sua saúde e sua dignidade inclusive em condições “normais”, sempre que seja normal prender as pessoas atrás das grades. Para salvaguardá-los, o governo não encontrou nada melhor que suspender as visitas dos familiares, enquanto os guardas podem ir e vir. A revolta dos presos explodiu frente ao risco concreto de propagação da infecção em lugares onde a superlotação é a norma. Os que apoiaram as lutas dos prisioneiros foram atacados e denunciados. A repressão, com a cumplicidade das medidas editadas pelo governo, foi extremamente dura. Em Turim, também impediram um pequeno encontro de parentes e solidários na entrada da prisão,

destacando as tropas a cada acesso às estradas que cercavam a prisão em Vallette. presídio de familiares

Os trabalhadores que fizeram greves espontâneas contra o risco de contágio foram denunciados por violar os decretos do governo, pois se manifestaram na rua por sua saúde.

Nada deve deter a produção, inclusive quando se trata de produções que poderiam ser interrompidas sem nenhuma consequência para a vida de todos nós. A lógica da ganância, da produção, vem primeiro.

O governo teme que outras frentes de luta social possam se abrir depois da revolta das prisões. Daí o obsessivo controle policial, o uso do exército, que, pela primeira vez, passa a assumir funções de ordem pública e não um mero apoio às diversas forças policiais. O exército se converte em polícia: o processo de osmose que começou há algumas décadas se fecha. A guerra não se detém. Missões militares, exercícios, campos e tiro estão em pleno apogeu. É a guerra contra os pobres em tempos de Covid-19.

O governo proibiu todas as formas de manifestações públicas e reuniões políticas.

Arriscar a vida para o patrão é um dever social, enquanto a cultura e a ação política se consideram atividades criminais.

Essa é uma tentativa, nem um pouco velada, de evitar qualquer forma de confronto, discussão, luta, construção de redes de

solidariedade que realmente permitam brindar apoio aos que estão em maior dificuldade.

A democracia tem pés de barro. A ilusão democrática se derreteu como a neve ao sol frente a epidemia. Se aceita com entusiasmo as medidas *ex cathedra* do primeiro ministro: nenhum debate, nenhuma passagem pelo tempo da democracia representativa, somente um simples decreto. Quem não o respeitar é um infector, um assassino, um criminoso e não merece piedade.

Desse modo, os verdadeiros responsáveis, os que destroem a saúde pública e multiplicam o gasto militar, os que não garantem máscaras cirúrgicas inclusive aos enfermeiros, os que militarizam tudo, mas não fazem cotonetes (usados para realizar testes) pois “custam 100 euros” assinam a sua absolvição com o aplauso dos prisioneiros do medo.

O medo é humano. Não devemos nos envergonhar dele, mas também não devemos permitir que os empresários políticos do medo o usem para alcançar um consenso sobre as políticas criminais.

Lutamos para evitar que os pequenos hospitais fossem fechados, destruindo preciosas instalações de saúde para todos. Estávamos na rua junto aos trabalhadores de Valdese, de Oftalmico, de Maria Adelaide, do hospital de Susa e muitos outros cantos de nossa província.

Em novembro, estávamos nas ruas para repudiar a exposição da indústria aeroespacial de guerra. Lutamos todos os dias contra o

militarismo e os gastos de guerra. Estamos no caminho da luta No Tav, pois como um metro de Tav se pagam 1000 horas de cuidados intensivos.

Hoje estamos ao lado de quem não quer morrer na prisão, dos trabalhadores atacados e denunciados, pois protestam contra a falta de proteção contra a propagação do vírus, com os enfermeiros e as enfermeiras que trabalham sem proteção e arriscam seu emprego porque dizem o que acontece nos hospitais.

Hoje uma grande parte dos movimentos de oposição política e social está em silêncio, incapaz de reagir, esmagado pela pressão moral, o que criminaliza aqueles que não aceitam sem discutir a situação de perigo crescente provocada pelas eleições governamentais de ontem e de hoje.

Restringir os movimentos e os contatos é razoável, mas é ainda mais razoável lutar para fazê-lo de maneira segura. Devemos encontrar os lugares e as formas de combater a violência de quem nos encarcera, pois não sabem e não querem nos proteger.

Como anarquistas, sabemos que a liberdade, a solidariedade, a igualdade em nossas mil diferenças se obtêm por meio da luta, não se delega a ninguém e muito menos a um governo, cuja ética é a manutenção de seus cargos

Não. Não estamos “prontos para morrer”. Não queremos morrer e não queremos que ninguém adoça e morra. Não nos alistamos na

infantaria destinada ao massacre silencioso. Somos desertores, rebeldes, *partisanos*.

Exigimos que se esvaziem as prisões, que os que não tem lar tenham um, que se cancelem os gastos de guerra, que a todos seja garantido os exames clínicos, que cada um tenha os meios de se proteger e proteger aos demais da epidemia.

Não queremos que só os mais fortes sobrevivam, queremos que inclusive aqueles que viveram muito tempo continuem vivendo.

Queremos que quem esteja doente possa ter alguém que o ame e o possa consolar: com dois bombardeios de combate F35 a menos, poderíamos ter trajes e toda a proteção necessária para que ninguém morra sozinho.

Tudo irá bem? Conseguiremos? Depende de cada um de nós.

um guia anarquista
para sobreviver
ao coronavírus - covid-19
four thieves vinegar collective

aqui vai um spoiler: cuidados médicos
são mais simples do que você imagina

Basicamente você precisa lidar com isso como você lidaria com uma gripe, exceto que deve ser mais vigilante porque ele se espalha mais rapidamente, é mais difícil de “matar” e é mais duro com o seu corpo quando é contraído.

pronta para levar essa parada à sério?
ok, vamos lá.

De maneira geral, mesmo mantendo uma higiene cautelosa, você também vai querer manter sua saúde em forma e estressar seu sistema imunológico o mínimo possível.

como evitar o contágio:
higiene

Você pode contrair um vírus ao tocar em coisas que outras pessoas tocaram ou ao respirar gotículas microscópicas do espirro ou da tosse de alguém.

- Esterilize o seu celular nojento. Álcool vai servir. Faça isso toda vez que você chegar à um novo destino, especialmente a um lugar onde vai comer. Considere deixar esse treco em casa, ou ao menos não o use durante suas refeições. Pergunte à uma microbiologista sobre celulares. Você irá desejar que não tivesse perguntado.

- Lave suas patas. Essa é uma medida chave: o lugar mais provável de pegar germes fresquinhos são suas mãos. Você pega em maçanetas, aperta botões de elevador, lida com dinheiro, cartões de crédito, recibos e assim por diante. Cada vez que chegar em um novo lugar lave suas mãos. Sempre use sabão e esfregue suas mãos por pelo menos 20 segundos, e lave também debaixo de suas unhas. Compre uma escovinha de unhas, é um ótimo investimento. Se você realmente quiser limpar tudo mesmo, considere adquirir clorexidina ou etanol. Fazer uma boa limpeza assim que retornar para casa é uma boa prática. Álcool gel é bom e barato. Se houver um corre-corre nas farmácias e não tiver mais nenhum, você pode encontrar em ferragens ou diretamente em postos de combustível. Não se esqueça de lavar os registros das torneiras também.

- Limpe com álcool os pontos comuns de contato: maçanetas, puxadores de armários e geladeira, interruptores elétricos, registros de torneiras e assim por diante.

- Considere usar luvas cirúrgicas quando estiver na rua e as descarte antes de lavar suas mãos ao chegar no seu destino.

- Não toque no seu rosto enquanto estiver fora. Isso se aplica se você estiver usando luvas ou não. Esse é um hábito difícil de desenvolver, mas se você estiver usando luvas elas funcionam como um bom lembrete. Sete dos nove pontos de entrada do seu corpo estão no seu rosto e suas mãos vão tocar nas coisas enquanto você estiver fora. Não as leve à porta de entrada para suas vísceras.

- Máscaras cirúrgicas não fazem muita diferença. Se alguém está doente, elas podem prevenir que outras pessoas contraiam se a pessoa doente estiver usando uma, mas se você está saudável então a máscara não vai fazer muita coisa. Especialmente se você não as descarta diariamente, nesse caso você só está criando um ambiente quente e úmido para os micróbios e amarrando ele ao seu rosto.

- Considere tomar banhos com mais frequência, se isso não é uma das suas coisas favoritas. Suas mãos não são o único lugar na sua pele por onde os micróbios circulam.

saúde geral e imunidade

Essas dicas são praticamente senso comum, mas é importante escutá-las em caso de termos as esquecido ou nunca tê-las escutado antes.

- Mantenha-se hidratada o melhor que puder. Se você odeia beber água, tente água com gás ou adicione uma bebida eletrolítica em pó ou um aditivo vitamínico e/ou uma espremida de limão.

• Tente beber e fumar menos. Se o seu corpo está usando energia para se curar de uma ressaca ou para metabolizar alcatrão é energia que não vai poder ser usada para sua imunidade.

• Deixe entrar ar fresco em casa; ar parado serve de criadouro de germes. Pó e fumaça stressam o sistema respiratório e diminuem a imunidade.

• Coma alimentos de qualidade. Mesma coisa que já foi dito: se seu coração e fígado estão ocupados processando seu big-Mac duplo, é mais difícil de lidar com o resto das coisas.

• Durma bastante e com qualidade. Sabemos que isso está começando a parecer com uma mensagem de voz da sua mãe, mas vamos encarar: ela provavelmente está certa em algumas coisas. Falta de sono é outra dessas coisas básicas que podem rapidamente tornar seu sistema imunológico de uma fortaleza num casebre de palha.

• Reduza seu nível de estresse. E isso não significa continuar a andar com pessoas tóxicas e tomar mais drogas para lidar com isso. Pelo contrário, significa autocuidado. Faça as coisas que te fazem feliz e te relaxam. Considere se demitir e abandonar seu marido abusivo. Diga a ele que é pelo bem da ciência.

• Considere tomar um multivitamínico básico; talvez uma vitamina C e Zinco também. Se você realmente sente que precisa de uma turbinada imunológica existem indícios que raiz de astragalus e extrato de tomilho podem ajudar, porém não consenso sobre isso.

Existem poucos estudos feitos que determinam a sua eficácia ou não, o que também é o caso de outros medicamentos populares. Faça sua própria pesquisa. Decida por você mesma.

- Evite lugares lotados. Ok, essa é difícil; no transporte público e em empregos onde você deve interagir com o público isso se torna inevitável. Tente manter distância se puder.

- Se você é desse tipo que está evitando pessoas Asiáticas, tem uma técnica faça-você-mesma que vai fazer com que seja impossível que você contraia o vírus: encha um copo de água sanitária e beba em um só gole. Obrigado, seu racista de merda.

como saber se você contraiu

Ok, então você foi ótima em evitar as multidões, manteve sua saúde em cima e limpou tudinho com álcool gel e mesmo assim adoeceu. Acontece, é um jogo de probabilidades, não seja dura consigo mesma.

Agora você está preocupada se tem uma gripe simples (o que, por favor perceba, também está circulando num ritmo alarmante, então é bem possível) ou você tem de fato a peste assustadora.

A má notícia: É muito difícil descobrir a menos que você tire amostras e faça o sequenciamento do genoma do vírus. Se tiver um grupo de biohacking na sua área com algumas praticantes com um

senso de curiosidade que se sobrepõe ao senso de autopreservação, você pode conseguir que elas façam isso para você.

A notícia não tão ruim: Não faz tanta diferença. O que é preciso fazer em qualquer um dos dois casos é levá-lo a sério, cuidar de si mesma e não transmitir para outras pessoas.

quando é preciso ceder e ir ao hospital

O objetivo todo era evitar ir ao hospital. Ninguém gosta de ir e lá tratam minorias como lixo, mais um milhão de outras coisas, mas precisamos aceitar que é melhor ter que lidar com tudo isso do que estar mortas. Então, precisamos saber quando passou do ponto em que basta assistir ao Chaves e tomar uma canja de galinha.

Se você tem insuficiência respiratória, insuficiência cardíaca, ou septicemia, esses são quadros muito difíceis de tratar em casa e sobreviver e você provavelmente deveria ir para um hospital agora mesmo. Uma insuficiência significa que esses órgãos não estão funcionando como deviam, mas esses são quadros reversíveis e não uma sentença de morte.

Esses são os sintomas e sinais que você deve observar para saber se essas coisas estão acontecendo: ***Insuficiência Respiratória, Insuficiência Cardíaca, Septicemia.***

Existem diferentes razões pelas quais a pessoa de quem você está cuidando pode parar de ser capaz encher os pulmões de oxigênio,

ou para o seu coração ter problemas, ou ter uma infecção generalizada. Mas você não precisa saber nenhuma delas. Ao invés disso, você pode ficar de olho em indicadores de que esses processos estão começando, para transportar essa pessoa até um hospital. Geralmente há um processo muito complicado com vários equipamentos caros, mas você pode fazer isso de forma muito mais simples e barata com alguns instrumentos básicos. É muito útil ter um termômetro, um medidor de pressão e um oxímetro de pulso. Você não precisa deles, mas eles deixam as coisas mais fáceis. Você pode comprar um oxímetro de pulso na internet por cerca de 50 reais. Você também pode encontrar um medidor de pressão na internet. São um pouco mais caros, tipo 90 reais, mas valem a pena. Termômetros também são baratos na internet. Se alguém está doente, monitore todas as medidas para estabelecer um ponto de referência, e então monitore novamente de manhã e à noite, e sempre que você estiver preocupada. Fique atenta a mudanças. Se as coisas estiverem mudando rapidamente, então é motivo para se preocupar. Nesse caso, observe outros indicadores para determinar se alguma dessas condições críticas estão ocorrendo.

Você pode medir os batimentos com um relógio e com a sua mão. Encontre os batimentos da pessoa no seu pulso, e conte-os por um minuto inteiro. Você deve ter algo entre 60 e 100 batimentos. Se não for o caso, é um sinal de que as coisas não estão muito bem. Se você não possui um termômetro, você pode comparar a testa dela com a sua

colocando uma mão em cada. Tente se apegar à memória dessa sensação, pois você quer estar atenta a mudanças. Se puder medir a sua temperatura, ela deve estar entre 36°C e 38°C. Se você estiver medindo a pressão e ela se alterar 20 pontos, não é um bom sinal. Decida com antecedência como você planeja chegar ao hospital (e qual), caso essas coisas comecem a acontecer. Você não quer decidir isso em um momento de crise.

O oxímetro de pulso mede os batimentos cardíacos de uma pessoa e a porcentagem de oxigênio em seu sangue. Se a oxigenação do sangue cair abaixo de 90% você precisará de cuidados médicos. Isso dito, se os números estiverem bons, mas alguém estiver tendo muita dificuldade em respirar (mais do que apenas tossir e se sentir mal como nos sentimos quando estamos doentes), é preciso levá-la a um hospital. Se os lábios e/ou pontas dos dedos começarem a ficar cinza e azul, e está se esforçando pra respirar, é sinal de insuficiência respiratória iminente, indiferente dos níveis de oxigenação do sangue. Leve-a ao hospital imediatamente. Outros indicadores disso são: curvar-se para a frente para respirar, não ser capaz de terminar uma frase sem ficar sem ar, ou uma respiração rápida e rasa. Se os sons da respiração parecem muito úmidos, ou como um craquejar, ou se ela tosse um muco rosa e espumoso, é hora de soar o alarme.

Se você está conseguindo manter a pessoa hidratada, mas ela ainda assim acorda com uma enorme dor de cabeça, ou passa o dia todo sem fazer xixi, estes também são maus sinais. Outras duas coisas

para cuidar: se alguém está tão sonolenta que quando você a acorda, ela logo cai novamente no sono e você não consegue mantê-la acordada, é um mau sinal. O outro sinal é se alguém parece rabugenta demais. Verifique se ela está mentalmente confusa, mas perguntando coisas como que dia é hoje ou onde ela está. Se você receber respostas estranhas, é hora de tirá-las daí.

como cuidar de alguém que está doente

Ok, vamos dizer que a pessoa ainda não precise ir ao hospital, mas ela ainda está doente e você precisa tratá-la. O que fazer?

dê um pouco de conforto

Nunca é dizer demais: você está cuidando de um ser humano, e quanto mais você o mantiver relaxado e feliz e se sentindo amado, maiores as chances de recuperação. O sistema límbico sustenta o sistema imunológico. O sistema imunológico de uma pessoa feliz trabalha muito melhor que o de quem não está. Onde está o ursinho de pelúcia dela? Sua naninha? O seu gato? Traga eles!

Lembre-se que apesar do fato da virulência do COVID-19 ser alta, a taxa de mortalidade é baixa. Até agora sua letalidade é de cerca de 3,5%. É provável que não seja muito diferente de pegar uma gripe forte, ou ficar de ressaca, e a pessoa em questão vai se recuperar.

Tente explicar a ela que a probabilidade de ficar mal por mais de uma semana é muito baixa, para que ela não se estresse e piore a situação.

Mantenha-a aquecida, mas não quente. Forneça a ela suas comidas e lanches saudáveis favoritos, e coloque para ela assistir os filmes de que ela mais gosta (e se envergonha de gostar), e não tire sarro dela por isso. Sério.

Leia a ela o livro favorito de sua infância. Também não brinque com isso. Traga o seu jogo de tabuleiro favorito, e jogue com ela, mesmo que você deteste. Sim, não reclame. Lembre a elas de que a sua sobrevivência deixa a revolução mais iminente, e que elas descansarem e permitirem-se ser cuidadas é um ato de guerra política, como Audre Lorde disse.

Se ela realmente quiser beber, faça para ela uma bebida quente, com um destilado, canela, gengibre, ao invés de doses de tequila ou cerveja. Tente não dar muito. Se ela está desejando um cigarro desesperadamente, arranje pra ela um chiclete/adesivo/rapé, e coloque um pouco entre o seu dedinho do pé e o dedo próximo a ele, isso dará a ela uma dose de nicotina sem sobrecarregar os seus pulmões. Você pode fazer isso nos dois pés se ela precisar de uma dose maior.

Se ela quiser muito maconha, tente dar a ela algo de comer com cannabis ao invés de cigarro de maconha, para que não sobrecarregue os seus pulmões.

Se ela for ter uma crise de abstinência caso não receba sua dose, faça de tudo para ajudar ela a fazer isso de forma segura.

· Esse número é uma aproximação, e está errado em certo grau, pois há um atraso entre a confirmação e a morte, que faz com que o erro seja pra baixo. Entretanto, existem muitas pessoas que o contraem e não relatam aos hospitais e se recuperam bem, o que faria desse número um exagero. Além disso, há evidência de que o governo chinês está encobrindo as mortes pelo COVID-19 chamando-as de morte por “pneumonia”, e não as relatando, o que faz com que o erro seja pra baixo novamente. A China também está usando tecnologia muito lenta e velha para fazer os diagnósticos, e pode somente fazer alguns milhares de testes por dia, então isso também limita os dados. Então existem diversos erros aqui. Isso é só pra dizer que o número não é preciso, mas a taxa de mortalidade está somente na casa da porcentagem de um dígito.

hidratação

Se você estivesse em um hospital, você estaria recebendo um soro intravenoso, que é o modo mais rápido e eficiente de colocar fluidos dentro do seu corpo. Entretanto, se você vive em alguns países como nos chamados “estados unidos”, isso não está disponível para o público, apesar de ser a maneira mais rápida de hidratar alguém.

Preparar um soro intravenoso não é difícil, se você conseguir uma bolsa e um dispositivo de infusão intravenosa (tem no Mercado Livre). Se você não conseguir, existem formas fáceis de fazer fluidos de reidratação oral que são melhores que *Gatorade* ou água de coco: A ideia é pegar água limpa e adicionar alguns sais balanceadores para fazer com que seja mais fácil para a pessoa reter a água. Tente fazer com que tomem pequenos goles com frequência, já que essa é a maneira mais eficiente, tirando o soro intravenoso, de pôr fluídos em uma pessoa.

Pegue água destilada, açúcar ou mel, sal, bicarbonato de sódio e, se você quiser fazer a bebida um pouco mais palatável, um pouco de água de coco, suco de laranja ou banana madura amassada.

soro em um copo

- 1 Litro de água engarrafada
- 1/4 colher de chá de sal
- 1/4 colher de chá de bicarbonato de sódio
- 2 colheres de sopa de açúcar ou mel
- Opcional: 1 copo de água de coco / suco de fruta / purê de frutas madura.

Comece adicionando o sal, mas se certifique que você não ponha demais. Não deve ser mais salgado do que lágrimas. Então adicione os outros ingredientes. Três colheres de chá equivalem a uma colher de sopa, se você tiver uma ou outra. Essas são medidas aproximadas, *então não se preocupe tanto. Só garanta que não está salgado demais antes de adicionar o resto.*

**mantendo-se
limpa**

Tente fazê-las levantar e tomar um banho todos os dias. Troque a roupa de cama enquanto estão no banho, e as dê roupas limpas e confortáveis quando saírem. Essa não é apenas uma questão sanitária, isso também fará com que se sintam melhor em termos de ânimo. Mais alegre é mais saudável.

oxigênio

Da mesma forma que com o soro intravenoso, você não pode só entrar numa loja de suprimentos médicos e comprar um tanque de oxigênio, mas existem maneiras de enjambrar um.

Teoricamente você pode usar oxigênio para solda, mas pode ser intimidador instalar os reguladores e tudo mais só você nunca trabalhou com gás comprimido. Se a pessoa de quem você está cuidando está numa situação tão complicada que necessita de oxigênio todo o momento, ela deveria estar em um hospital de qualquer maneira.

**NÃO dê
antibióticos!**

Antibióticos funcionam para matar bactéria. Eles não fazem nada com vírus, você vai sobrecarregar o sistema da pessoa que você está

dando e vai fazê-las piorar. E quanto aquela suposta “cura” vinda da Tailândia? Ou aquela outra coisa que eu escutei falar?

Não há realmente muitos dados sobre nada disso. Parece que a coisa da Tailândia funcionou em um caso, mas isso pode ter sido por sorte. Além disso, outras pessoas em quem experimentaram tiveram reações muito negativas aos medicamentos antivirais (o que não é atípico), então é realmente uma aposta se você decidir tentá-lo. Entretanto não somos aquelas que se afastam da auto-experimentação, aqui estão todos os dados que conseguimos encontrar até esse momento. Com o tempo passando esperançosamente teremos algumas táticas estabelecidas. Se você aprender alguma coisa, por favor entre em contato. Existe também um teste clínico acontecendo na China para o tratamento “tailandês”.

Além disso, tenha em mente que muito provavelmente você não saberá se você tem o coronavírus ou gripe, e tomar altas doses de antivirais pode ter bastante efeitos colaterais. Então decida cuidadosamente onde você acha que está o limite para isso fazer mais mal do que bem. Ao paciente tailandês foi dado Oseltamivir, Lopinavir e Ritonivir. Oseltamivir é vendido sob o nome comercial de Tamiflu, e apenas com prescrição. É um medicamento controverso, e alguns médicos vão se recusar a prescrevê-lo, então se você for procurar vários médicos para tentar conseguir diversas receitas para obtê-lo,

esteja ciente que você talvez precise procurar vários. Mas é um antiviral e teoricamente faz a gripe passar mais rapidamente.

Então tem a questão dos dois medicamentos pra HIV, Lopinavir e Ritonavir. Eles são aprovados, estão no mercado e algumas vezes vem juntos sob o nome comercial de Kaletra. Atualmente a dosagem para casos de HIV é Lopinavir 400mg/Ritonavir 100mg. E ainda não existe dados quanto a doses usadas em casos experimentais, eles apenas dizem “alta dosagem”, então boa sorte no chute. Talvez começando por triplicar a dosagem regular.

algum outro tratamento/
cura possível?

Um artigo científico recém lançado mostrando que o Cloroquina e o Remdesivir (código de desenvolvimento GS-5734) matam o vírus em um tubo de ensaio, mas as coisas são mais complicadas no corpo humano. Tendo dito isso, tem uma pessoa que recebeu a combinação dos medicamentos e se recuperou. Isso não significa que ela se recuperou em função disso, mas é sugestivo. Além disso, estão iniciando testes ad hoc com esses medicamentos na China, então parece promissor.

Remdesivir é muito difícil de conseguir. Não está em produção já que ainda não foi aprovado, e não está no mercado. Há uma empresa o fabricando para os testes clínicos na China, mas não está sendo vendido. É uma nova molécula com um estranho formato, então nem

mesmo fornecedores químicos comuns vão ter estoque. Potencialmente existem maneiras de conseguir no exterior, mas é uma questão de sorte, já que pode ser difícil saber se o que você está recebendo é a coisa de fato ou ampolas de água. Há também uma versão do GS-441524, que é um ativo, não-pró-fármaco que está disponível apesar de ser caro. Se você está planejando comprar isso, compre enquanto for capaz: os preços estão subindo e os estoques estão se esgotando.

O artigo científico publicado sobre o paciente que pode ter sido curado não fornece informação sobre a dosagem. Menciona, no entanto, que foi dada uma única infusão intravenosa, o que sugere que, se modelado de acordo com o teste de ebola, que a dosagem pode ser tanto uma dosagem baixa de 50mg/kg ou a dose alta de 150 miligramas por quilogramas de massa corporal. Nós estamos especulando que provavelmente tenha sido a dose alta. A dosagem para cloroquina é 300mg base (500mg de sal), dadas uma vez por semana, então provavelmente uma única dose. Para crianças é 5mg/kg.

Cloroquina é usada na prevenção e tratamento da malária, mas o seu uso gerou variedades resistentes. Então se quer conseguir com uma médica alegando que você esteve viajando por uma área com altos índices de malária, você deve pesquisar uma região rica em malária que não mudou para se tornar resistente ao cloroquina. Pesquise no site do Ministério da Saúde se você está pensando em seguir esse caminho.

cuidem umas das outras

Faça o que for possível com o que estiver ao seu alcance, e as chances são de que as coisas vão ficar bem. Lembre-se de buscar ajuda se se tornar perigoso.

Aja! Reaja!
Com amor,
-FTVC

sobrevivendo ao vírus:

Um guia anarquista

capitalismo em crise

totalitarismo crescente

estratégias de resistência

crimethinc.

A pandemia não vai passar nas próximas semanas. Mesmo se medidas rígidas de confinamento tiverem êxito em reduzir o número de infecções para os índices de um mês atrás, o vírus pode voltar a se disseminar exponencialmente assim que as medidas forem suspensas. É provável que a situação atual se prolongue por meses — toques de recolher repentinos, quarentenas inconsistentes, condições cada vez mais desesperadoras — embora isso irá certamente mudar de forma em algum momento

quando as tensões entrarem em ebulição. Para nos preparar para esse momento, vamos nos proteger da ameaça do vírus, pense nas questões sobre risco e segurança que a pandemia nos traz, e confronte as consequências desastrosas de uma ordem social que nunca foi projetada para preservar nosso bem-estar.

sobrevivendo ao vírus

Formas anarquistas conhecidos de organização e de segurança têm muito a oferecer quando se trata de sobreviver à pandemia e ao pânico que está causando.

forme um grupo de afinidade

A perspectiva de quarentena nos diz muito sobre como já estamos vivendo. Pessoas que vivem em famílias unidas ou em casas coletivas saudáveis estão em uma situação muito melhor do que aqueles em casamentos desfeitos e aqueles que moram sozinhas em grandes casas vazias. Este é um bom lembrete do que realmente importa na vida. Apesar dos modelos de segurança representados pelo sonho burguês da propriedade de uma família nuclear e pela política externa estadunidense que a reflete,

a **união** e o **cuidado** são muito mais importantes do que o tipo de segurança que depende de isolar o mundo inteiro.

“Distanciamento social” não deve significar isolamento total. Não estaremos mais seguros se nossa sociedade for reduzida a um monte de indivíduos atomizados. Isso não nos protegeria do vírus, nem do estresse dessa situação, nem das garras do poder que **os capitalistas e as autoridades estatais** estão se preparando para botar para fora. Por mais que os idosos estejam em maior risco com o vírus, por exemplo, idosos já estão perigosamente isolados nesta sociedade; cortá-los de todo contato com outras pessoas não preservará sua saúde física ou mental. Todos nós precisamos estar inseridos em grupos unidos de maneira a maximizar nossa segurança e nossa capacidade coletiva de aproveitar a vida e agir.

Escolha um grupo de pessoas em quem você confia — de preferência, pessoas com quem você compartilha a vida cotidiana, com fatores de risco e níveis de tolerância a riscos semelhantes. Com o objetivo de sobreviver ao vírus, este é o seu grupo de afinidade, o alicerce básico da organização anarquista descentralizada. Vocês não precisam necessariamente morar na mesma casa; o importante é que você possa reduzir seus fatores de risco para somente os riscos que todos compartilham e se sentem à vontade em assumir. Se o seu grupo for muito pequeno, vocês ficarão isolados — e isso será um problema especialmente

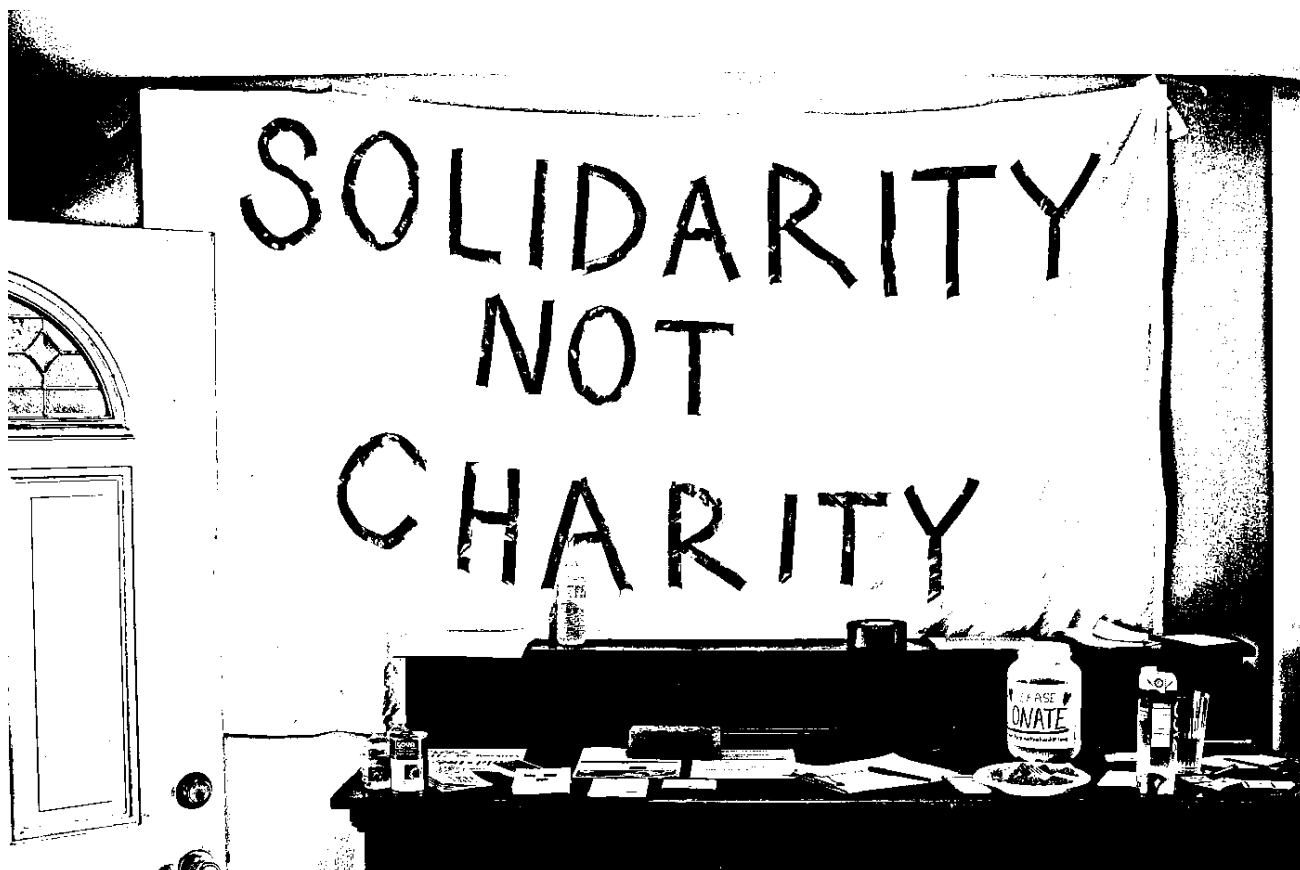
se alguém ficar doente. Se o seu grupo for muito grande, vocês estarão em um risco desnecessário de infecção.

Conversem umas com as outras até chegar a um conjunto de expectativas compartilhadas sobre como vocês se envolverão com o risco de contágio. Pode ser qualquer coisa, desde isolamento físico total até lembrar de usar desinfetante para as mãos depois de tocar em superfícies em público. Dentro do seu grupo, desde que ninguém tenha o vírus, você ainda pode abraçar, beijar, fazer comida juntos, tocar as mesmas superfícies — desde que você concorde com o nível de risco que você está coletivamente pronto para tolerar e comunicar sobre ele quando um novo fator de risco surge.

Isso é o que os anarquistas chamam de **cultura de segurança** — a prática de estabelecer um conjunto de expectativas e práticas compartilhadas para minimizar os riscos. Quando estamos lidando com a repressão policial e a vigilância do estado, nos protegemos compartilhando informações conforme a necessidade. Quando lidamos com um vírus, nos protegemos controlando os vetores pelos quais os contágios podem se espalhar.

Nunca é possível evitar riscos por completo. O objetivo é determinar com que risco você se sente à vontade e se comportar de maneira que, se algo der errado, você não se arrependará, sabendo que tomou todas as precauções que considerou

necessárias. Ao compartilhar sua vida com um grupo de afinidade, você obtém as melhores partes de cautela e convívio.



solidariedade, não caridade!

forme
uma rede

Obviamente, apenas o seu grupo de afinidade não será suficiente para atender a todas as suas necessidades. E se você precisar de recursos que nenhuma de vocês possa conseguir com segurança? E se todos vocês ficarem doentes? Você precisa estar conectado a outros grupos de afinidade em uma rede de ajuda

mútua, para que, se algum grupo da rede for sobrecarregado, os outros possam ajudá-lo. Participando de uma rede como essa, você pode distribuir recursos e suporte sem precisar se expor ao mesmo nível de risco. A ideia é que, quando pessoas de diferentes grupos da rede interagem, elas empregam medidas de segurança muito mais rigorosas, para minimizar riscos adicionais.

Ultimamente, a frase “ajuda mútua” ou “apoio mútuo” tem sido muito difundida, até mesmo por **políticos**. Em seu sentido apropriado, a ajuda mútua não descreve um programa que fornece assistência unidirecional a outras pessoas da mesma maneira que uma organização de caridade. Pelo contrário, é a **prática descentralizada do cuidado recíproco**, através do qual os participantes de uma rede garantem que todos obtenham o que precisam, para que todas as pessoas tenham motivos para investir no bem-estar de todos. Não se trata de uma troca de totalmente equivalente, mas de um intercâmbio de cuidados e recursos que cria o tipo de abundância e de resiliência que pode sustentar uma comunidade em tempos difíceis. As redes de ajuda mútua prosperam melhor quando é possível criar confiança recíproca com outras pessoas por um longo período de tempo. Você não precisa conhecer nem gostar de todos os demais membros da rede, mas todos devem dar o suficiente à rede para que, juntos, seus esforços criem uma sensação de abundância.

como nos relacionar com os riscos

O surgimento de um novo contágio potencialmente letal obriga todos a pensar em como nos relacionamos com o risco. Por que vale a pena arriscar nossas vidas?

Refletindo, a maioria de nós conclui que — todas as outras coisas são iguais — arriscar nossas vidas apenas para continuar desempenhando nosso papel no capitalismo não vale a pena. Por outro lado, pode valer a pena arriscar nossas vidas para proteger um ao outro, cuidar um do outro, defender nossa liberdade e a possibilidade de viver em uma sociedade igualitária.

Assim como ficar completamente isolado não é o mais seguro para os idosos, tentar evitar riscos totalmente não nos mantém seguros. Se permanecermos totalmente sozinhos enquanto nossos entes queridos adoecem, nossos vizinhos morrem e o estado policial arranca todos os vestígios de nossa autonomia, não estaremos mais seguros. Existem muitos tipos diferentes de risco. Provavelmente está chegando a hora em que teremos de repensar quais riscos estamos preparados para assumir para viver com dignidade.

Isso nos leva à questão de como sobreviver a todas as tragédias desnecessárias que os governos e a economia global estão acumulando sobre nós no contexto da pandemia — sem

mencionar todas as tragédias desnecessárias que eles já estavam criando. Felizmente, as mesmas estruturas que nos permitem sobreviver ao vírus juntos também podem nos equipar para enfrentar o capitalismo e os patrões.

sobrevivendo à crise

Vamos ao ponto: o totalitarismo não é mais uma ameaça em um futuro distante. As medidas implementadas em todo o mundo são **totalitárias** em todos os sentidos da palavra. Estamos vendo **decretos governamentais** unilaterais que impõem proibições totais de viagens, toque de recolher 24 horas por dia, verdadeira lei marcial e outras medidas ditatoriais.

Isso não quer dizer que não devemos implementar medidas para nos protegermos da propagação do vírus. É simplesmente reconhecer que as medidas que vários governos estão implementando se baseiam em meios autoritários e em uma lógica autoritária. Pense em quanto recursos estão sendo despejados nas forças armadas, na polícia, **nos bancos e na bolsa de valores** em vez de serem investidos nos cuidados e recursos públicos de saúde para ajudar as pessoas a sobreviver a essa crise. Ainda é mais fácil ser preso por **vadiagem** do que fazer um teste para o vírus.

Assim como o vírus nos mostra a verdade sobre como já vivíamos — sobre nossos relacionamentos e nossos lares —

também nos mostra que já vivíamos em uma sociedade autoritária. A chegada da pandemia apenas a torna formal.

A França está colocando **100.000 policiais** nas ruas, 20.000 a mais do que foram mobilizados no ponto alto dos protestos dos **Coletes Amarelos**. Os refugiados que precisam de asilo estão sendo afastados ao longo das fronteiras entre os Estados Unidos e o México e entre a Grécia e a Turquia. Na Itália e na Espanha, grupos de policiais atacam corredores em ruas vazias. O governo do **Chile decretou estado de exceção** de emergência e **Israel fechou o parlamento**. No Brasil, a polícia e punições legais serão empregadas contra quem descumprir quarentena por recomendação médica, sendo que **nenhuma assistência ou condição básica é garantida nas periferias e favelas** onde a única instituição presente geralmente já é a polícia.

Na Alemanha, a polícia de Hamburgo aproveitou a situação para despejar um acampamento de refugiados auto-organizada que estava de pé há alguns anos. Apesar da quarentena, a polícia de Berlim ainda **ameaça despejar um bar coletivo anarquista**. Em outros pontos, policiais vestidos com roupas de **tropa de choque da pandemia** invadiram um centro de refugiados.

O pior de tudo é que isso ocorre com o consentimento tácito da população em geral. As autoridades podem fazer praticamente qualquer coisa com o pretexto de proteger nossa saúde — **até nos matar**.

À medida que a situação se intensificar, provavelmente veremos a polícia e os militares empregando força cada vez mais letal. Em muitas partes do mundo, **eles são os únicos que conseguem se reunir livremente em grande número.** Quando a polícia é o único órgão social capaz de reunir-se em massa, não há outra palavra além de **“estado policial”** para descrever a forma da sociedade em que vivemos.

Há sinais de que as coisas caminham nessa direção há décadas. O capitalismo costumava depender da manutenção de um grande número de trabalhadores disponíveis para executar o trabalho industrial — conseqüentemente, não era possível tratar a vida de forma tão desvalorizada como é tratada hoje. Como a globalização e a automação no capitalismo diminuíram a dependência quanto a mão de obra dos trabalhadores, a força de trabalho global mudou constantemente para o setor de serviços, realizando um trabalho que não é essencial para o funcionamento da economia e, portanto, menos seguro e mal remunerado, enquanto os governos se tornam cada vez mais dependentes da violência policial militarizada para controlar a agitação e a raiva.

Se a pandemia durar o suficiente, provavelmente veremos mais automação — carros autônomos representam menos ameaças de infecção à burguesia do que os motoristas do Uber — e os trabalhadores deslocados serão divididos entre as indústrias de repressão (polícia, militar, segurança privada, prestadores de

serviços militares privados) e trabalhadores precários que são forçados a correr grandes riscos para ganhar alguns centavos. Estamos acelerando rumo a um futuro em que uma classe privilegiada conectada digitalmente realiza trabalho virtual isoladamente, enquanto um estado policial maciço os protege de uma subclasse dispensável que assume a maioria dos riscos.

O bilionário Jeff Bezos já adicionou 100.000 novos empregos à Amazon, antecipando que sua empresa levará as lojas locais à falência em muitos lugares. Da mesma forma, Bezos não concederá licença remunerada aos funcionários da Whole Foods, apesar do risco constante que eles enfrentam no setor de serviços — embora ele esteja dando a eles um aumento de US\$ 2 (dois dólares!) até abril. Em suma, ele ainda considera que a vida de quem trabalha não tem valor, mas ele admite que a morte merece um aumento.

Nesse contexto, é provável que haja revolta. É provável que veremos algumas reformas sociais destinadas a pacificar a população — pelo menos temporárias para mitigar o impacto da pandemia —, mas que elas chegarão junto com a violência cada vez maior de um Estado que ninguém pode imaginar vive sem, porque ainda é confundido com algo que protege de nossa saúde.

De fato, o próprio Estado é a coisa mais perigosa para nós, pois impõe uma distribuição drasticamente desigual de recursos que nos obriga a enfrentar riscos distribuídos de formas

desequilibradas. Se queremos sobreviver, não podemos apenas exigir políticas mais equitativas — também precisamos deslegitimar e minar o poder do Estado.

estratégias de resistência

Com essa finalidade, concluiremos com algumas estratégias de resistência que já estão saindo do papel.

greves de aluguel

Em São Francisco, nos EUA, o coletivo de moradias **Station 40** liderou o caminho ao declarar unilateralmente uma greve de aluguel em resposta à crise: *“A urgência do momento exige uma ação decisiva e coletiva. Estamos fazendo isso para proteger e cuidar de nós mesmos e de nossa comunidade. Agora, mais do que nunca, recusamos dívidas e nos recusamos a ser explorados. Não vamos arcar com esse fardo para os capitalistas. Cinco anos atrás, derrotamos a tentativa de nosso senhorio de nos despejar. Vencemos por causa da solidariedade de nossos vizinhos e amigos em todo o mundo. Mais uma vez, estamos acionando essa rede. Nosso coletivo se sente preparado para a vigília que começa à meia-noite em toda a área da baía. O ato de solidariedade mais*

significativo para nós neste momento é que todos entrem em greve juntos. Nós te daremos apoio, e sabemos que você também nos dará apoio. Descanse, ore, cuidem umas das outras.”

Para milhões de pessoas que não poderão pagar suas contas, isso faz da necessidade uma virtude. Inúmeros milhões que vivem com um salário por vez já perderam seus empregos e sua renda e não têm como pagar o aluguel de abril. A melhor maneira de apoiá-los é que todos nós entremos em greve, impossibilitando que as autoridades tenham como alvo aquelas que não pagam aluguel. Os bancos e os proprietários não devem continuar lucrando com locatários e hipotecas quando não há como ganhar dinheiro. Isso é apenas senso comum.

Essa ideia já está circulando de muitas formas diferentes. Em Melbourne, na Austrália, a filial local dos Trabalhadores Industriais do Mundo (IWW) está promovendo um **Chamado de Greve de Aluguel COVID-19**. O movimento socialista **Rose Caucus** está chamando as pessoas para que suspendam pagamentos de aluguel, hipotecas e serviços públicos durante o surto. No estado de Washington, a **Seattle Rent Strike** está pedindo o mesmo. Os inquilinos de Chicago também estão **ameaçando uma greve de aluguel**. Outros grupos divulgaram documentos pedindo greve de aluguel e de hipoteca.

Para que uma greve de aluguel seja bem-sucedida em escala nacional, pelo menos uma dessas iniciativas terá que ganhar

impulso suficiente para que um grande número de pessoas tenha certeza de que não estarão desamparadas ao se comprometerem a participar. No entanto, em vez de esperar que uma única organização de massa coordene uma greve maciça de cima para baixo, é melhor que esses esforços comecem no nível de base. As organizações centralizadas geralmente fazem acordos no início do processo de luta, minando os esforços autônomos que dão poder a esses movimentos. A melhor coisa que poderíamos fazer para sair dessa experiência mais forte seria construir redes que possam se defender independentemente das decisões vindas de cima.

greves no trabalho e nos transportes

Centenas de trabalhadores nos estaleiros do Atlântico em Saint-Nazaire entraram em greve dia 17 de março. Na Finlândia, os motoristas de ônibus se recusaram a cobrar passagem dos usuários, para ter menos contato e mais segurança contra o contágio, ao mesmo tempo em que protestam contra os riscos aos quais estão sendo expostos, mostrando no processo que o transporte público pode ser gratuito.

Se há algum bom momento para a classe trabalhadora em dificuldades e precarizada mostrar força através de greves e paralisações, esse momento é agora. Pela primeira vez, grande

parte da população em geral será simpática, pois a interrupção da normalidade dos negócios também pode diminuir o risco de propagação do vírus.

Em vez de procurar melhorar as circunstâncias individuais de determinados funcionários por meio de aumentos salariais, acreditamos que o mais importante é criar redes que possam interromper os negócios, atrapalhar o sistema como um todo e apontar para a introdução revolucionária de formas alternativas de vida e de formas de se relacionar.

Nesse ponto, é mais fácil imaginar a abolição do capitalismo do que imaginar que, mesmo nessas circunstâncias, ele poderia ser reformado para atender a todas as nossas necessidades de maneira justa e igualitária.

revoltas nas prisões

Revoltas nas prisões no **Brasil**, no **Chile** e na **Itália** já resultaram em várias fugas, incluindo fugas em massa. A coragem desses prisioneiros deve nos lembrar de todas as populações alvo mantidas fora da vista do público, que sofrerão mais durante catástrofes como essa.

Também pode nos inspirar: em vez de obedecer às ordens e permanecer escondido, enquanto o mundo inteiro é convertido em

uma matriz de celas, podemos agir coletivamente para romper com esse sistema.



Presxs enunciam o insuportável que é a prisão durante rebelião ocorrida em Milão, em março de 2020

5 demandas



**PARA SOBREVIVERMOS
AO COVID-19
COM DIGNIDADE**



SAÚDE GRATUITA

Testes, insumos e tratamentos gratuitos e de qualidade para todas e todos. Abrir as clínicas privadas ao público em geral.



NÃO TRABALHAR

Suspender todas as obrigações laborais. Não a precarização forçada por meio do "tele-trabalho".



NEM COBRANÇAS, NEM DÍVIDAS

Suspender cobranças de alugueis, dívidas, empréstimos, hipotecas, partes e multas.



LIBERDADE AOS PRESOS E PRESAS

Redução de todas as penas a, pelo menos, prisão domiciliar. Suspensão de todas as medidas cautelares. Liberação imediata de presos políticos.



CASA PARA TODOS E TODAS

Abrir todas as casas e espaços desabitados para qualquer pessoa que necessite. Utilizar escolas como albergues. Suspender despejos e reintegrações de posse.

F A C
F I C
FACÇÃO FICTÍCIA



faccioficticia.noblogs.org